

**O inimigo de guerra no *front* interno brasileiro: a construção imagética na revista ilustrada *O Cruzeiro***

Maria Luiza Pérola Dantas Barros<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo se propõe investigar brevemente a construção da imagem dos nazistas no *front* interno brasileiro, no contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a partir das fotorreportagens do conflito que circulavam em meios de comunicação em massa, como foi o caso da revista ilustrada *O Cruzeiro*, em três momentos específicos: início do conflito na Europa (1939), na invasão e ocupação à França (1940/1941) e quando dos torpedeamentos das embarcações brasileiras em 1942. Para analisar as fotorreportagens partiu-se do conceito de ancoragem da imagem pelo texto, proposto por Roland Barthes (1964;1990). Com esse esforço inicial foi possível perceber que, se no início do conflito, as imagens construídas apresentavam a bravura, o preparo bélico ou mesmo o fito humanitário dos nazistas, tais imagens se modificariam após os torpedeamentos, sendo a imagem desses associada à covardia e à selvageria de um povo guiado por um demagogo paranoico, por exemplo.

**Palavras-chaves:** Inimigo de guerra; *Front* interno; Imagens; Fotojornalismo; Revista *O Cruzeiro*.

**The war enemy on the Brazilian internal front: the imagery construction in the illustrated magazine *O Cruzeiro***

**Abstract:** This article proposes to briefly investigate the construction of the image of the Nazis on the Brazilian internal front, in the context of the Second World War (1939-1945), from the photoreports of the conflict that circulated in of mass communication, as was the case of the illustrated magazine *O Cruzeiro*, in three specific moments: the beginning of the conflict in Europe (1939), the invasion and occupation of France (1940/1941) and when the Brazilian vessels were torpedoed in 1942. In order to analyze the photoreports, we started with the concept of anchoring the image by the text, proposed by Roland Barthes (1964;1990). With this initial effort, it was possible to perceive that, if at the beginning of the conflict, the constructed images presented the bravery, the war preparation or even the humanitarian aim of the Nazis, such images would change after the torpedoes, being the image of these associated with cowardice, savagery of a people guided by a paranoid demagogue, for example.

**Keywords:** Enemy of war; Internal front; Photojournalism; Cruise Magazine.

---

Texto produzido no âmbito do Projeto Segunda Guerra Mundial no Nordeste Brasileiro: cotidiano e transformação social, coordenado pelo Prof. Dr. Dilton C. S. Maynard e apoiado pelo EDITAL FAPITEC/SE/FUNTEC N° 01/2024 – PROGRAMA DE AUXÍLIO AO DESENVOLVIMENTO DE PESQUISA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – UNIVERSAL.

BARROS, M. L. P. D.

## Introdução

Varrendo o mundo entre os anos de 1939 e 1945, a Segunda Guerra Mundial foi maior conflito bélico do século XX. Para alguns historiadores, falar desse conflito seria, tão somente, abordar os fatos militares e rearranjos geopolíticos realizados no decorrer dos anos. Sem menosprezar a importância de tais aspectos, outros pontos relacionados à temática não podem ser deixados para um segundo plano, sobretudo aqueles referentes aos desdobramentos da guerra para as populações, para aqueles que não foram ao teatro do conflito, mas que sofreram com as perdas, tiveram suas vidas e suas rotinas modificadas pelo esforço dos envolvidos na obtenção da vitória final. Eram os que estavam em outro tipo de frente de batalha, a frente doméstica, o *front* interno.

A imprensa se constituiu como um ponto de fundamental importância na mobilização de guerra de todos os países envolvidos<sup>II</sup>. No dia-a-dia, as notícias do *front* de batalha circulavam, em grande parte, graças ao rádio, que naquele período se consolidou como principal meio de comunicação<sup>III</sup>. Mas a necessidade de rádios receptores ainda limitava a inserção da “caixinha de Herz”. Em alguns países, como o Brasil, o próprio Estado subsidiava a compra dos aparelhos, colocando-os em praças públicas ou em casas de pessoas “de destaque” para que fosse possível ouvir o noticiário<sup>IV</sup>.

Para aqueles que não podiam ouvir, não sabiam ler e não tinham tempo ou condições de ir aos cinemas, o contato com revistas repletas de fotografias, didaticamente dispostas, era uma das alternativas mais viáveis. Nesse sentido, os periódicos impressos conhecidos como “revistas ilustradas”, veiculados semanalmente em alguns países, com matérias fotojornalísticas sobre as diversas batalhas que ocorriam, apresentavam as diversas faces do conflito.

A guerra integrava a pauta semanal das revistas ilustradas de viés fotojornalístico. No dia a dia, os leitores encontravam, juntamente com as propagandas dos mais diversos produtos (cigarros, batom, relógios, achocolatados, fortificantes, bebidas para mulheres), com os moldes das roupas que estavam “na moda”, e com bastidores da vida de astros e estrelas de *Hollywood*, fotorreportagens do conflito, nas mais diversas frentes de batalhas. Em relação à imprensa de guerra e aos seus correspondentes, pode-se dizer que tudo foi utilizado como um mecanismo de intervenção que dava feições à imagem do inimigo com vistas a angariar adesão do público e não afetar o moral na frente doméstica, empenhada no esforço de guerra<sup>V</sup>.

Assim, a fotografia, entendida aqui como uma representação do real, produzida segundo o olhar e a ideologia de seu autor, tomada como documento do real, uma fonte histórica<sup>VI</sup>, se confere em uma fonte privilegiada para o estudo. Oriunda da sociedade industrial na segunda metade do século XIX, ao longo dos anos, a fotografia passou por diversas interpretações quanto ao princípio de realidade nela contido: de início vista como reprodução mimética da realidade, passando pela transformação completa do real, até chegar a ser vista como algo que fornece indícios da realidade captada. No período em questão, de acordo com Júlia Bertolucci Delduque de Souza<sup>VII</sup>, a fotografia era vista como aquela imagem cuja o principal aspecto era o documental, que se refere ao fato de ser considerada como semelhante ao que nela se encontra exposto.

Com relação ao fotojornalismo, o autor Jorge Pedro Sousa<sup>VIII</sup> o entende como uma conciliação entre fotografia e textos utilizada para transmitir uma informação útil, cuja finalidade primeira seria informar<sup>IX</sup>, tendo em vista a fotografia necessitar de complementação textual para que se oriente a construção de sentido: “por exemplo, a imagem não consegue mostrar conceitos abstratos como o da ‘inflação’”. Pode-se sugerir o conceito

O INIMIGO DE GUERRA NO *FRONT* INTERNO BRASILEIRO: A CONSTRUÇÃO  
IMAGÉTICA NA REVISTA ILUSTRADA *O CRUZEIRO*

BARROS, M. L. P. D.

fotografando, por exemplo, etiquetas de preços”<sup>X</sup>. Em sua obra, Sousa demarca a Alemanha como o local de emergência do fotojornalismo moderno, em virtude da forma como as revistas ilustradas alemãs dos anos vinte articulavam o texto à imagem, não se encontrando esta de maneira isolada, mas em interação constante com aquela<sup>XI</sup>. Com a chegada de Adolf Hitler ao poder, em 1933, para o autor, teria ocorrido um colapso do fotojornalismo alemão, fazendo com que muitos fotojornalistas e editores, identificados como “simpatizantes da esquerda” precisassem buscar abrigo em outras nações, o que acabaria por exportar as concepções do fotojornalismo alemão por diversos países, como a França, o Reino Unido e os Estados Unidos, por exemplo. E, com a Segunda Guerra Mundial, o fotojornalismo passou à posição de subcampo da imprensa<sup>XII</sup>, além de se constituir como uma ligação entre o *front* e o lar dos soldados que lutavam no conflito<sup>XIII</sup>.

Em sua dissertação, a autora Janaína Dias Barcelos<sup>XIV</sup> entende o fotojornalismo com atividade que visa informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vistas, sendo as imagens algo simbólico, que necessitariam serem decifradas. De acordo com a autora, a guerra sempre foi um tema privilegiado para o fotojornalismo, mas a maneira como ela tem sido fotografada se modificou com o tempo. No século XIX as fotografias concentravam-se mais nas paisagens técnicas em detrimento dos processos de guerra, tanto para não chocar as famílias dos combatentes, quanto em virtudes da tecnologia disponível. Já no século XX, as fotografias ganham maior poder interpretativo e expressivo deixando as amarras da tradução da realidade. Conseqüentemente, a cobertura da Segunda Guerra mostrou “o poder da fotografia, apesar de ter sido uma reportagem problemática devido a manipulação e à censura. Inicialmente, as fotos eram o retrato de um combate heroico, sendo as atrocidades reveladas apenas no final da guerra”<sup>XV</sup>.

### O conceito de ancoragem da imagem pelo texto

Aqui se entende o sentido de ancoragem a partir do exposto por Roland Barthes nos ensaios intitulados *A mensagem fotográfica*<sup>XVI</sup> e *A Retórica da Imagem*<sup>XVII</sup>, nos quais há, por parte do autor, um esforço para traçar uma teoria da fotografia, e, ao mesmo tempo, definir as primeiras dificuldades de uma análise estrutural da mensagem fotográfica<sup>XVIII</sup>.

Em sua busca pelo conteúdo da mensagem fotográfica, Barthes acaba por evidenciar que o estatuto atribuído à imagem fotográfica no que se refere a comportar uma mensagem puramente denotada, o *analogon* da realidade, seria algo mítico. Para ele existiria um paradoxo fotográfico, no que se refere a coexistência de duas mensagens: uma sem código (denotada) e a outra com código (conotada). Tal conotação se daria em virtude da fotografia ser, por um lado, um objeto trabalhado por várias mãos (fotógrafo, edição, diagramação, por exemplo); por outro lado, por ser essa imagem não apenas percebida, mas também lida pelo público que a ela tem acesso.

Conotar seria, para Barthes, atribuir sentido, ou melhor: codificar o *analogon* fotográfico. Muitas seriam, para o autor, as formas de se conotar uma imagem: trucagem, pose, associação de objetos (que alteram o próprio real, por acontecerem no momento de captura da imagem); fotogenia, esteticismo e sintaxe, por exemplo.

Para além dessas maneiras de se conotar uma imagem, existiria uma outra, mais constante, o texto, visto pelo autor como algo que enxertaria uma cultura na imagem. Considerando a polissemia existente em uma imagem fotográfica, o que a tornaria possível de lê-la seria justamente as palavras que a ancoram<sup>XIX</sup>, auxiliada por um repertório adquirido na vida cotidiana de quem a lê, o conhecimento prévio.

O INIMIGO DE GUERRA NO *FRONT* INTERNO BRASILEIRO: A CONSTRUÇÃO  
IMAGÉTICA NA REVISTA ILUSTRADA *O CRUZEIRO*

BARROS, M. L. P. D.

Tendo isso em mente, para este momento interessa investigar a construção da imagem do inimigo de guerra no *front* interno brasileiro a partir das fotografias, e das legendas e textos que as acompanhavam, nas fotorreportagens veiculadas na revista *O Cruzeiro*.

**O início do conflito nas páginas da revista *O Cruzeiro*<sup>XX</sup>**

A revista *O Cruzeiro* não seria, para alguns autores, apenas a principal revista brasileira, mas o principal veículo de informação no país<sup>XXI</sup>. Fundada por Assis Chateaubriand, no Rio de Janeiro, iniciou sua circulação em território nacional em 10 de novembro de 1928. Apesar de se apresentar como uma revista de variedades, ao longo de sua existência (até 1985) se constituiu num tipo híbrido de periódico, no qual o entretenimento e a propaganda dividiam espaço com o jornalismo<sup>XXII</sup>. Representou a maturidade de um modelo de comunicação visual, onde a imagem ultrapassava a barreira da mera ilustração, buscando criar um envolvimento sensorial, a partir de reportagens abrangentes que visavam atrair o interesse do maior número possível de leitores, de ambos os sexos, de idades sociais variadas<sup>XXIII</sup>.

No contexto da Segunda Guerra, o Brasil vivia o Estado Novo (1937-1945) sob o comando de Getúlio Vargas, notoriamente influenciado pelas experiências europeias autoritárias do nazismo e, principalmente, do fascismo. Em virtude disso, o Estado brasileiro se ocupava “de todo cidadão formando sua consciência individual e coletiva através da propaganda e da educação<sup>XXIV</sup>. De acordo com essa concepção, o Estado seria a realização concreta da nação.

Levando em consideração que toda informação veiculada passaria pelo crivo do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), a nível nacional, as notícias da guerra demoraram um pouco a aparecer nas páginas da revista *O Cruzeiro*. Oficialmente, o conflito começou em 1º de setembro de 1939, com a invasão nazista à Polônia, mesmo não existindo uma declaração formal de guerra. Mas somente em 16 de setembro as notícias do conflito começaram a ser divulgadas no periódico.

De acordo com o que escreve William Shirer<sup>XXV</sup>, sobre a invasão à Polônia, o que teria havido seria uma rápida penetração das tropas alemãs, conhecida por guerra relâmpago, a *Blitzkrieg*. Em virtude de tal agilidade, essa campanha fora considerada breve e responsável pela destruição da força aérea polonesa, em 48 horas, a maior parte dos aviões antes mesmo de decolar e, em uma semana, a derrota do exército polonês com suas 35 divisões.

O autor Richard Evans<sup>XXVI</sup> escreve que o governo polonês não estava preparado para fazer resistência à uma invasão como aquela, súbita e maciça em termos de tropas, já que possuía poucos tanques e um escasso equipamento. Segundo o autor, o que os alemães fariam em seguida com a Polônia seria fruto de um ódio enraizado, por processos de doutrinação a longo prazo, envolvendo assassinatos, roubos, pilhagem, deportação, ataques à cultura polonesa, chacinas de doentes mentais e forte perseguição aos judeus, por exemplo.

Na edição número 46, a revista *O Cruzeiro* anunciava que estavam “iniciando uma série de reportagens contratadas com diversas agências, com diversos serviços photographicos especiaes e exclusivos”<sup>XXVII</sup>. Já nas primeiras páginas da edição, figurava a matéria intitulada *A América prepara-se* (p.5), apresentando uma Europa devastada pela guerra, e a América como guardião da paz que, para tanto, precisaria preparar-se. A fotorreportagem, composta de sete fotografias dispostas em três páginas, apresentava um exercício de manobras gerais dos Estados Unidos, em Marcha Field, que contara com a presença de “representantes de diversas nações, algumas das quais beligerantes” (p.5).

O INIMIGO DE GUERRA NO *FRONT* INTERNO BRASILEIRO: A CONSTRUÇÃO  
IMAGÉTICA NA REVISTA ILUSTRADA *O CRUZEIRO*

BARROS, M. L. P. D.

Em uma das imagens apresentadas na página seguinte, a legenda informaria que um general americano, Walter Short, estaria explicando ao general F.Von Boetticher, da Alemanha, e ao coronel T. Nakamura, do Japão, o desenvolvimento das manobras naquele contexto de exercício (p.6).

Ainda nessa edição, na página 17, numa possível tentativa de situar as leitoras e os leitores, menciona-se na fotorreportagem intitulada *A Europa conflagrada* que a guerra em questão envolveria “grandes e admiráveis nações”. Anunciava-se que a revista apresentaria “os aspectos da catastrophe”.

Com cinco fotografias, a explosão de uma bomba alemã é apresentada na imagem de destaque, com uma legenda que a descrevia como um “impressionante instantâneo”. As imagens menores apresentariam uma sequência de uma metralhadora alemã em combate, soldados poloneses num abrigo subterrâneo com máscaras contra gases, colunas motorizadas de artilharia pesada alemã dirigindo-se para a frente polonesa, e soldados a serviço da comunicação, no contexto da guerra. É possível perceber como os alemães são retratados em seu poderio bélico, com soldados sempre apresentados na ação do conflito, enquanto que os poloneses são apresentados em uma posição quase subalterna, sentados com máscaras, como se já se dessem por vencidos.

A partir desses exemplos é possível perceber como a imagem construída dos alemães, ou mesmo do nazismo, no início do conflito estava associada ao poderio bélico. Na edição de 23 de setembro de 1939, por exemplo, não se apresenta soldados alemães no *front* de batalha, mas o poderio bélico associado aos alemães fica evidente na matéria *Dois gigantes prisioneiros*, sobre dois navios, um francês e o outro inglês, que “por medo dos submarinos alemães, estavam nas docas do Hudson, em Nova York” (p.24).

A dinâmica das fotografias dispostas nas páginas da revista dava ao leitor, distante do *front* de batalha, a imagem de uma guerra em que os fatos ocorriam rapidamente. Um exemplo disso seria a matéria intitulada *Paris Londres Dantzig*, na edição de 30 de setembro de 1939, nas páginas 2 e 3 apresenta-se desde fatos como o aperto de mão entre representantes de Dantzing e um general alemão, um soldado polonês despedindo-se da noiva e partindo para guerra, três jovens sobreviventes americanas do torpedeamento do navio Athenia, o rei Jorge VI, em Londres, vestido de uniforme, senhoras londrinas que partiam para o serviço na França se despedindo dos maridos ou noivos que ficariam em Londres, o premier francês que partia para inspecionar a defesa em Maginot e tropas nazistas desfilando para Hitler após a conquista de Dantzing. Vários fatos concentrados em imagens em duas páginas. Numa guerra onde a agilidade dos acontecimentos era algo marcante, a cobertura e veiculação deles precisava acompanhar esse ritmo.

Ainda nessa edição, nas páginas 12 e 13, apresentava-se a fotorreportagem intitulada *A Guerra*, composta por oito fotografias anunciadas como “flagrantes da guerra nas fronteiras” (p.13). Os tanques nazistas, retratados no canto superior esquerdo, são apresentados na respectiva legenda como “velozes tanks germânicos, de 8 toneladas operando com a aviação nas planícies desoladas da Polónia” (p.12). em contraponto, uma outra foto apresenta tropas francesas e seus “pequenos tanks”, “para apoiarem a infantaria, tomam posições”. Interessante notar visualmente esse paralelo traçado pela fotografia, em que vemos a imagem dos alemães em guerra associada, mais uma vez, ao poderio bélico.

Os alemães aparecem, na cobertura do primeiro mês do conflito, veiculada nas páginas da revista *O Cruzeiro*, como aqueles que possuem um exército numeroso, bastante organizado, com armas mais potentes que as dos adversários, que, em virtude de tudo isso, acumulava vitórias. Por mais que os adversários estivessem se preparando para a guerra,

O INIMIGO DE GUERRA NO *FRONT* INTERNO BRASILEIRO: A CONSTRUÇÃO  
IMAGÉTICA NA REVISTA ILUSTRADA *O CRUZEIRO*

BARROS, M. L. P. D.

como apresentava a fotorreportagem veiculada na edição de 07 de outubro de 1939, intitulada *Maginot e Siegfried*, assinada por Thomas M. Johnson. Na matéria, falam de Maginot, território francês, que contava com galerias e câmaras subterrâneas “equipadas com todos os requisitos modernos para matar ou combater os que atacam” e “proteger os que a defendem”, que teria custado aos cofres franceses cerca de 7 milhões de contos de réis, sendo considerada uma “inovação na sciencia das fortificações”. Também aparece uma foto das defesas alemãs da linha Siegfried, descrita como aquela que possuía “metralhadoras e canhões de tiro rápido, com suas guarnições” (p.5).

A mesma edição ainda apresentaria uma fotorreportagem intitulada *Guerra*, nas páginas 28 e 29, contando de oito imagens apresentando a destruição de Varsóvia, Hitler em visita a um hospital, poloneses capturados por alemães, indo para os campos de concentração, e um canhão antitanque polonês que, comparado a um alemão, acentua o contraste do poderio bélico dos dois países. Percebe-se como, no primeiro mês do conflito, a imagem veiculada dos alemães estava associada a força, ao poderio bélico, à um chefe de Estado sempre presente nos acontecimentos militares, por exemplo.

Conforme escreve Evans, após o sucesso da campanha na Polônia, Hitler volta a atenção para a Grã-Bretanha e para a França. O autor aponta as condições obsoletas da França em relação à Alemanha, como uma inteligência que falhou em prever como a invasão ocorreria, e quão rápido e longe as divisões blindadas alemãs conseguiram se deslocar, além de possuírem uma comunicação insuficiente e serem lentos para reagir, por exemplo<sup>XXVIII</sup>.

Com a invasão à França, o sistema político desmanchou-se sob a tensão, o que acabaria por abrir sendas para grupos conservadores. Tal feito, segundo Evans, poderia ser considerado a maior operação de envolvimento militar da história, pela sua grandeza e, ao mesmo tempo, pelo baixo número de perdas alemãs. A velocidade da vitória seria a realização, para o autor, dos sonhos nacionalistas da Alemanha, e marcaria o ponto mais alto da popularidade de Hitler<sup>XXIX</sup>.

A edição de 25 de maio de 1940 apresentaria aos leitores os efeitos da guerra na França e a destruição, em fotorreportagem intitulada *A Guerra na Europa*, com sete fotografias, mesmo não havendo imagens de soldados, a Alemanha é mencionada como aquela de “grandes tanks”, e que, mesmo em ofensiva, abastecia a Itália com carvão de Rhur.

Na edição de 06 de julho de 1940, em fotorreportagem intitulada *Os alemães em Paris e Verdun*, os leitores da revista *O Cruzeiro* se deparariam com imagens de tropas nazistas desfilando em Verdun, apresentada como “clara chave de resistência da França” (p.23). Nas páginas seguintes, em *Compiègne e Munich*, anunciam na revista “sensacionais telefotos da paz (...) onde podemos seguir os últimos momentos de guerra entre Alemanha e Itália contra a França”. Composta de sete fotografias, uma das legendas destacava os “srs. Adoloh Hitler e Mussolini, ovacionados pelo povo, em Munich, quando se discutiam as condições do armistício” (p.25).

A imagem de Hitler, com frequência, era exaltada nas páginas da revista *O Cruzeiro*. Um exemplo disso foi a fotorreportagem intitulada *Adolph Hitler visita Paris*, publicada na edição de 13 de julho de 1940. Com 6 fotografias, anunciava-se a visita como o “acontecimento mais sensacional da ultima semana, na Europa”. Hitler era caracterizado como aquele que realizava “tranquilamente estes actos, como se fizessem parte da rotina dos mais simples factos possíveis da vida quotidiana” (p.7), como a dar a entender que vencer seria inerente à sua personalidade.

Um outro exemplo seria a fotorreportagem veiculada na edição de 20 de julho de 1940, intitulada *Hitler volta a Berlim*, que também composta por 6 fotografias, apresentava tal

## O INIMIGO DE GUERRA NO *FRONT* INTERNO BRASILEIRO: A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA NA REVISTA ILUSTRADA *O CRUZEIRO*

BARROS, M. L. P. D.

retorno como ocorrido “debaixo de um entusiasmo indescritível (...) depois de uma campanha vitoriosa na França”, juntamente com imagens de crianças fazendo um tapete de flores para a recepção, multidões com bandeiras nazistas, que seriam aspectos “do desfile triunfal nas ruas da capital alemã” (p.4).

Apesar de toda a destruição ocasionada pela invasão nazista à França, edições como a de 26 de abril de 1941, na matéria intitulada *A Derrota da França*, fazia questão de pontuar que ela não perdera seu costumeiro movimento (p.3). Era como se a presença nazista em território francês se misturasse ao ar local, como destacado na legenda de uma das fotografias de um representante do exército ocupante estaria interessado na aquisição de “algumas obras vendidas a preços populares”, na famosa “indústria dos livros velhos vendidos em barracas” (p.3).

Além de interessados nos hábitos locais, os nazistas apareciam com fito quase humanitários, como em uma das fotografias da página seguinte, em que um oficial aparece alimentando uma criança, cuja a legenda dizia “as tropas ocupantes em contacto com a população de Paris. Vários oficiais distribuem alimentos a população pobre” (p.4).

Até aqui, é possível perceber como a imagem dos nazistas aparecia, no primeiro ano do conflito, de maneira recorrente, de forma elogiosa nas páginas da revista *O Cruzeiro*, quer saudando os seus feitos bélicos, quer elogiando Hitler, por exemplo. Tudo viria a mudar com a chegada da guerra ao Brasil, em 1942.

### A construção da imagem do inimigo de guerra

Pode-se dizer que, até aquele momento, a política de Vargas em relação ao cenário internacional era de “neutralidade. “Ele (Vargas) procurava manter-se, no plano internacional, equidistante em relação tanto ao imperialismo mercantil ianque como ao imperialismo romântico germânico”<sup>XXX</sup>. Porém, a decisão brasileira de fornecer material estratégico aos norte-americanos e de romper relações diplomáticas e comerciais com os países do Eixo, em janeiro de 1942, transformaria a frota mercante nacional num alvo óbvio para os *U-Boote* alemães<sup>XXXI</sup>.

Para o Brasil, aquele ano ficaria marcado pela sensação de que a guerra efetivamente chegara até nós, com os torpedeamentos das embarcações brasileiras *Baependy*, *Araraquara*, *Aníbal Benévolo*, *Itagiba* e *Arará*, na faixa litorânea entre Bahia e Sergipe<sup>XXXII</sup>, entre 15 e 17 de agosto, resultando em centenas de mortos<sup>XXXIII</sup>, e, virtude disto, o Brasil declararia guerra se posicionando a favor dos aliados.

Na edição de 29 de agosto de 1942 da revista *O Cruzeiro*, os leitores poderiam se deparar com informações sobre o ocorrido no litoral brasileiro. Logo na capa, a revista trazia escrito *O Brasil na Guerra*, e estampada a foto de uma mulher fazendo com os dedos o “v” de vitória.

Nas primeiras páginas dessa edição, era possível conferir a matéria intitulada *O povo brasileiro em guerra*, que, contando com 7 fotografias, destacava a “covardia germânica”, a partir de um discurso inflamado pelo calor dos acontecimentos:

O afundamento de navios nacionais, em viagem pacífica de cabotagem, foi a centelha mágica que fez vibrar da mais justa indignação os corações de uma juventude que não faz alarde de uma coragem truculenta, mas não teme ameaças, sejam quais forem e venham de onde vir. Saindo para as ruas, empunhando bandeiras, vozes foram erguidas em todos os recantos do país, numa demonstração

## O INIMIGO DE GUERRA NO *FRONT* INTERNO BRASILEIRO: A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA NA REVISTA ILUSTRADA *O CRUZEIRO*

BARROS, M. L. P. D.

nítida e insofismável de que no Brasil a palavra sacrifício perde sua significação quando se trata de pátria (...) <sup>XXXIV</sup>.

Mesmo com um discurso nacionalista, diante dos torpedeamentos e das mais de 600 mortes ocasionadas, é possível perceber uma virada na concepção da imagem dos nazistas veiculada pelo periódico. A partir daquele momento, por uma “centelha mágica”, a população estaria indignada, e não se faria “alarde de uma coragem truculenta”, como agora estavam se referindo aos nazistas, mas a coragem estaria exposta nas manifestações que se espalharam pelo país, que ocuparam o Palácio da Guanabara, e que se apossaria de bandeiras nazistas, da casa de simpatizantes, para queimarem solenemente, como demonstrado em uma das fotografias”.

Para situar geograficamente os leitores nos acontecimentos, a edição traria ainda uma espécie de editorial intitulado *Suprema covardia*, contendo um mapa do Brasil e, ao fundo, a imagem de um navio, servia para demarcar o posicionamento que a revista *O Cruzeiro* assumiria em relação ao ocorrido:

Ouve um tempo em que se falava na valentia do soldado e do marinheiro germânico. Os exemplos modernos vieram demonstrar que aquilo que era denominado como sendo bravura não passava de fanatismo da peor especie, proprio das almas possuidoras de instintos primitivos de ferocidade, da qual faz parte integrante a covardia que ataca vítimas indefesas, pelo simples prazer de matar, para obedecer a um chefe, qualquer que seja, heroi ou bandido. No momento, a Alemanha está governada por um sinistro grupo de “gangsteres”, tendo a frente um paranoico e a serviço desse demagogo que envergonha o gênero humano as forças armadas da Alemanha, de terra e mar, demonstram como são fieis aos seus mundos, massacrando cidades e populações, afundando navios de cabotagem onde viajam mulheres e crianças. Nossa página assinala os locais onde os submarinos de Hitler afundaram os cinco navios brasileiros por simples instinto de selvageria, e a língua brasileira, talvez a mais rica do mundo, não possui palavras suficientemente fortes para estigmatizar esse ato de barbaria. Basta um registro e um juramento, de que não ficarão impunes os assassinos! <sup>XXXV</sup>.

É possível perceber como que, veladamente, se assumia o erro, diante dos acontecimentos, de se ter outrora exaltado o nazismo nas páginas da revista, pois, naquele momento, estaria claro que tudo que antes adjetivava-se como bravura, seria fruto de fanatismo e covardia de pessoas com instintos primitivos.

Há uma mudança radical na imagem do nazista que, naquele momento, transformava-se no inimigo da pátria. Hitler, antes ovacionado nas páginas do periódico, passava a ser adjetivado a partir de então como um paranoico e demagogo que, a frente da Alemanha, envergonharia a humanidade e massacraria populações.

A nova imagem dos nazistas, agora inimigos de guerra, ainda aparece nessa edição da revista na fotorreportagem intitulada *A guerra chegou aos mares do Brasil* (p.16 e 17), que, contando com 9 fotografias, apresentava imagens dos soldados que estavam a bordo dos navios Itagiba e Arará, e de alguns náufragos, como a foto do corpo de Alaide, uma criança de 3 anos vitimada pelos torpedeamentos. Ancorando tais fotografias, havia um texto que dizia:

Todo o Brasil, num justo movimento de indignação, levantou-se ao tomar conhecimento do estúpido e covarde afundamento, por submarinos alemães, dos navios brasileiros “Araraquara”, “Baependi”, “Aníbal Benevolo”, “Arara” e “Itagiba”, que navegavam em serviço de cabotagem, entre os portos nacionais,

## O INIMIGO DE GUERRA NO *FRONT* INTERNO BRASILEIRO: A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA NA REVISTA ILUSTRADA *O CRUZEIRO*

BARROS, M. L. P. D.

repletos de passageiros. Sem nenhum aviso prévio, requintado em crueldade, foram torpedeados cinco unidades mercantes, simplesmente pelo prazer sádico de matar, sem discernir entre homens, mulheres e crianças. Nossas páginas focalizam alguns flagrantes dos poucos sobreviventes dessa façanha, caracteristicamente nazista, vendo-os, entre elas, numa praia de Sergipe, o cadáver de uma vítima inocente dessa marinha de guerra que põe sua honra no assassinio de criaturinhas como Alaide, a criança brasileira que deve ficar como símbolo de uma política de extermínio contra a qual nos devemos bater com todas as forças, para que o mundo seja digno de abrigar criaturas humanas!<sup>XXXVI</sup>.

Os nazistas, antes tão elogiados nas páginas dos periódicos por seus feitos militares, aparecendo até alimentando criancinhas, agora figuravam com uma imagem associada a estupidez e a covardia em virtude dos torpedeamentos ocorridos sem aviso prévio, que vitimaria um quantitativo elevado de pessoas, incluindo crianças, cuja imagem choque fizeram questão de mostrar na revista.

### Considerações finais

O presente artigo se insere na pesquisa de doutorado da autora, intitulada *A guerra no front interno: um estudo comparado das representações da Segunda Guerra Mundial no Brasil e nos Estados Unidos em revistas ilustradas (1939-1945)*, que se encontra em andamento e tem por objetivo geral investigar, a partir de uma perspectiva comparada, as representações da Segunda Guerra Mundial produzidas semanalmente no *front* interno brasileiro e estadunidense no decorrer do conflito, a partir da cobertura fotojornalística da guerra que era veiculada em revistas ilustradas.

Por ora, o objetivo consistiu em investigar a construção da imagem dos nazistas no *front* interno brasileiro, no contexto da Segunda Guerra, a partir das fotorreportagens veiculadas na revista ilustrada *O Cruzeiro*, em três momentos específicos: início do conflito na Europa, na invasão e ocupação à França e quando dos torpedeamentos das embarcações brasileiras em 1942.

A partir do breve levantamento apresentado, foi possível perceber que no início do conflito (1939), em que a posição de neutralidade por parte do governo brasileiro prevalecia, a revista *O Cruzeiro* colaborava em suas fotorreportagens para a construção da imagem dos alemães como membros de “nação admirável”, cuja atuação impunha “medo” nos adversários, por serem considerados “velozes” e mais bem preparados. Isso fica claro nas imagens utilizadas pela revista, com soldados sempre em luta, apresentando o maquinário alemão em oposição ao polonês, por exemplo, ou mesmo as cenas de destruição causadas no decorrer da invasão à Varsóvia.

Os tons elogiosos aos alemães e aos seus representantes se exacerbaram nas edições da revista *O Cruzeiro*, como foi possível observar, no momento da invasão à França. Se antes era elogiada, nesse momento a imagem de Adolf Hitler era exaltada nas páginas do periódico, tanto com fotos de multidões que o “ovacionavam”; ou com fotos, acompanhadas de textos, anunciando que o “acontecimento mais sensacional” da semana em questão teria sido a sua visita à Paris; ou mesmo do seu retorno à Berlim, onde se ressaltava aspectos de um desfile triunfal preparado para saudá-lo nas ruas da cidade.

Essa imagem construída nos anos iniciais do conflito, nas páginas da revista em questão, que até apresentavam os nazistas com fito humanitário, alimentando as crianças da França ocupada, por exemplo, tenderia a se modificar, como vimos, após os torpedeamentos

## O INIMIGO DE GUERRA NO *FRONT* INTERNO BRASILEIRO: A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA NA REVISTA ILUSTRADA *O CRUZEIRO*

BARROS, M. L. P. D.

das cinco embarcações brasileiras pelo submarino alemão *U-507*, em agosto de 1942, que deixaria um saldo de mais de 600 mortos.

Na edição seguinte aos acontecimentos, a imagem dos nazistas já estava associada à covardia, à truculência, ao fanatismo e à estupidez, por exemplo, que ceifava vidas inocentes, como a da menina Alaide, cuja imagem do cadáver foi divulgada em uma das matérias veiculadas na edição em questão. Hitler, a partir daquele momento, já não seria mais visto como líder sensacional, antes como um demagogo paranoico que liderava o massacre de cidades e populações, por exemplo.

Os breves exemplos apresentados no decorrer deste artigo corroboram para reforçar a hipótese norteadora da nossa pesquisa, que, mesmo não sendo veículos oficiais de informação, revistas como *O Cruzeiro* nos possibilitam perceber a variação política do momento, a partir das imagens e representações que veicularam no decorrer do conflito.

### Notas

<sup>I</sup> Doutoranda em História Comparada (PPGHC/UFRJ), com bolsa CAPES. Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: perola@getempo.org

<sup>II</sup> HENN, Leonardo Guedes. Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial. **Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 26, n. 03, set./dez., 2013, p.686.

<sup>III</sup> HENN, Leonardo Guedes. Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial. **Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 26, n. 03, set./dez., 2013, p. 674 e 675.

<sup>IV</sup> MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Ao pé do ouvido: o Estado Novo e a Criação da Rádio Aperipê**. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

<sup>V</sup> HENN, Leonardo Guedes. Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial. **Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 26, n. 03, set./dez., 2013, p.670.

<sup>VI</sup> KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 4 ed., 2009, p. 31.

<sup>VII</sup> SOUZA, Júlia Bertolucci Delduque de. **Reflexões sobre fotografia e arte: um olhar sobre fotoformas e sombras de Geraldo de Barros**. (Trabalho de Conclusão de Curso) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

<sup>VIII</sup> SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e a linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>

<sup>IX</sup> SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e a linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002, p. 7 e 8.

<sup>X</sup> *op.cit.*, p. 9.

<sup>XI</sup> *op.cit.*, p.17.

<sup>XII</sup> *op.cit.*, p. 20.

<sup>XIII</sup> GIL, Isabel Capeloa. Olhando as memórias dos outros... Uma ética da fotografia de Freud a Daniel Blaufuks. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; VIEIRA, Elisa Maria Amorim; SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Imagem e Memória**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012, p.169.

<sup>XIV</sup> BARCELOS, Janaína Dias. **Fotojornalismo: dor e sofrimento. Estudo de caso do World Press Photo of the Year 1955-2008**. (Dissertação) Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009.

<sup>XV</sup> BARCELOS, Janaína Dias. **Fotojornalismo: dor e sofrimento. Estudo de caso do World Press Photo of the Year 1955-2008**. (Dissertação) Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009, p. 16 e 17.

<sup>XVI</sup> BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

<sup>XVII</sup> BARTHES, Roland. A retórica da imagem. In **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

<sup>XVIII</sup> *op.cit.*, p. 2.

<sup>XIX</sup> Uma definição adequada para esta função seria a de redução sêmica da imagem proposta pela linguagem verbal. Ver: SOUSA, João de. **Princípios para uma retórica**. Lisboa: ISCTE, 1997.

O INIMIGO DE GUERRA NO *FRONT* INTERNO BRASILEIRO: A CONSTRUÇÃO  
IMAGÉTICA NA REVISTA ILUSTRADA *O CRUZEIRO*

BARROS, M. L. P. D.

<sup>XX</sup> O acervo desse periódico se encontra disponível para acesso na Hemeroteca Digital Brasileira através do link: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=1>.

<sup>XXI</sup> LEITE, Marcelo Eduardo; RIEDL, Júlio Pedro Araújo. Por meio de Jean Manzon: a reestruturação do fotojornalismo na Revista *O Cruzeiro*. **Temática**, NAMID/UFPB, Ano XI, n. 3, p. 180-191, mar./2015, p. 185.

<sup>XXII</sup> ROMANELLO, Jorge Luiz. **A natureza no discurso fotográfico da Revista *O Cruzeiro***: paisagens e imaginários no Brasil desenvolvimentista 1954-1961. (Tese) Faculdade de Ciências e Letras de Assis/Universidade Estadual Paulista, 2016, p. 40.

<sup>XXIII</sup> *op.cit.*, p. 33.

<sup>XXIV</sup> GOMES, Ângela Maria Castro, OLIVEIRA, Lúcia Lippi e VELLOSO, Mônica Pimenta. **Estado Novo**: Ideologia e Poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 25.

<sup>XXV</sup> SHIRER, William. **Ascensão e queda do Terceiro Reich. Triunfo e Consolidação (1933-1939)**. Trad. Pedro Pomar e Leônidas G. de Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol 1, 2008, p. 20.

<sup>XXVI</sup> EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich em Guerra**. Trad. Lúcia Brito. São Paulo: Planeta, 3 ed, 2016.

<sup>XXVII</sup> **O Cruzeiro**, 1939, p. 17.

<sup>XXVIII</sup> *op.cit.*, p. 155

<sup>XXIX</sup> *op. cit.*, p. 167.

<sup>XXX</sup> TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 27.

<sup>XXXI</sup> ARGUELHES, Delmo de Oliveira. A Conferência dos chanceleres americanos de 1942 e o envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. In **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010, p. 137.

<sup>XXXII</sup> Para uma ideia do cotidiano de um Estado brasileiro diretamente afetado pela Segunda Guerra Mundial, ver: MAYNARD, Andreza S. C.; BARBOSA, Caroline A.; MAYNARD, Dilton C. S. **Segunda Guerra**: Histórias em Sergipe. Recife: Editora Universidade de Pernambuco, 2016.

<sup>XXXIII</sup> \_\_\_\_\_. Carestia e roubo de galinhas: problemas no cotidiano de Aracaju. In: MAYNARD, Andreza Santos Cruz & MAYNARD, Dilton Cândido Santos (org.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013, p. 37.

<sup>XXXIV</sup> **O Cruzeiro**, 1942, p. 5.

<sup>XXXV</sup> **O Cruzeiro**, 1942, p. 11.

<sup>XXXVI</sup> **O Cruzeiro**, 1942, p. 17.

## Referências Bibliográficas

ARGUELHES, Delmo de Oliveira. A Conferência dos chanceleres americanos de 1942 e o envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. In **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

BARCELOS, Janaína Dias. **Fotojornalismo**: dor e sofrimento. Estudo de caso do World Press Photo of the Year 1955-2008. (Dissertação) Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009.

BARROS, Maria Luiza Pérola Dantas. **O caso Nelson de Rubina**: guerra e cotidiano em Aracaju (1942-1943). (Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em História). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2015.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

\_\_\_\_\_. A retórica da imagem. In **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

O INIMIGO DE GUERRA NO *FRONT* INTERNO BRASILEIRO: A CONSTRUÇÃO  
IMAGÉTICA NA REVISTA ILUSTRADA *O CRUZEIRO*

BARROS, M. L. P. D.

---

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas, volume 3. Tradução José Carlos Martins Barbos e Hemerson Baptista. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

DUTRA, Eliana de Freitas. **O ardil totalitário**: imaginário político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich em Guerra**. Trad. Lúcia Brito. São Paulo: Planeta, 3 ed, 2016.

FONTANARI, Rodrigo. Roland Barthes e a fotografia. **Discursos Fotográficos**. Londrina, v.6, n.9, p.53-76, jul./dez.2010.

\_\_\_\_\_. Como ler imagens? A lição de Roland Barthes. **Galaxia** (São Paulo Online), n 31, p.144-155, abril de 2016.

GIL, Isabel Capelo. Olhando as memórias dos outros... Uma ética da fotografia de Freud a Daniel Blaufuks. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; VIEIRA, Elisa Maria Amorim; SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Imagem e Memória**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012, p.159 a 190.

HENN, Leonardo Guedes. Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial. **Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 26, n. 03, set./dez., 2013, p. 670-686.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 4 ed., 2009.

LEITE, Marcelo Eduardo; RIEDL, Júlio Pedro Araújo. Por meio de Jean Manzon: a reestruturação do fotojornalismo na Revista O Cruzeiro. **Temática**, NAMID/UFPB, Ano XI, n. 3, p. 180-191, mar./2015.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. A Guerra do “pão de ouro”: a variação dos preços de alimentos em Aracaju (1939-1945). IN MAYNARD, A.S.C.; BARBOSA, C.A.; MAYNARD, D.C.S. (org.). **Segunda Guerra**: histórias em Sergipe. Recife: Editora Universidade de Pernambuco, 2016.

\_\_\_\_\_. Carestia e roubo de galinhas: problemas no cotidiano de Aracaju. In: MAYNARD, Andreza Santos Cruz & MAYNARD, Dilton Cândido Santos (org.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Ao pé do ouvido**: o Estado Novo e a Criação da Rádio Aperipê. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

GOMES, Ângela Maria Castro, OLIVEIRA, Lúcia Lippi e VELLOSO, Mônica Pimenta.

**Estado Novo**: Ideologia e Poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

ROMANELLO, Jorge Luiz. **A natureza no discurso fotográfico da Revista O Cruzeiro**: paisagens e imaginários no Brasil desenvolvimentista 1954-1961. (Tese) Faculdade de Ciências e Letras de Assis/Universidade Estadual Paulista, 2016.

O INIMIGO DE GUERRA NO *FRONT* INTERNO BRASILEIRO: A CONSTRUÇÃO  
IMAGÉTICA NA REVISTA ILUSTRADA *O CRUZEIRO*

BARROS, M. L. P. D.

---

ROUILLÉ, André. A Modernidade Fotográfica. In: **A Fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.

SHIRER, William. **Ascensão e queda do Terceiro Reich. Triunfo e Consolidação (1933-1939)**. Trad. Pedro Pomar e Leônidas G. de Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol 1, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ascensão e queda do Terceiro Reich. O começo do fim: 1939-1945**. Trad. Pedro Pomar e Leônidas G. de Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol. 2, 2 ed., 2017.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O século sombrio: entre luzes e sombras In: **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio De Janeiro: Elsevier, 2004. p. 1-25.

SOUSA, João de. **Princípios para uma retórica**. Lisboa: ISCTE, 1997.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e a linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WOODFIELD, Richard (Org.). **Gombrich Essencial: textos selecionados sobre arte e cultura**. Trad. Alexandre Salvaterra. Rio Grande do Sul: Bookman, 2012.

### Fontes

Revista **O Cruzeiro**, 16 set. 1939.

Revista **O Cruzeiro**, 23 set. 1939.

Revista **O Cruzeiro**, 30 set. 1939.

Revista **O Cruzeiro**, 07 out. 1939.

Revista **O Cruzeiro**, 25 mai. 1940.

Revista **O Cruzeiro**, 06 jul. 1940.

Revista **O Cruzeiro**, 13 jul. 1940.

Revista **O Cruzeiro**, 20 jul. 1940.

Revista **O Cruzeiro**, 27 jul. 1940.

Revista **O Cruzeiro**, 26 abr. 1941.

Revista **O Cruzeiro**, 29 ago. 1942.